

**AZUCENA ADELINA FRABOSCHI. HILDEGARDA DE BINGEN. SCIVIAS:  
PRIMERA PARTE. LECTURA Y COMENTARIO AL MODO DE UNA  
LECTIO MEDIEVALIS. BUENOS AIRES: MIÑO Y DÁVILA, 2009. 575 p.**

Márcio Quaranta\*  
ICMBio

A historiadora argentina Azucena Adelina Fraboschi (doravante apenas Azucena) pesquisa há dezenas de anos as obras de Hildegarda de Bingen (1098-1179), monja beneditina praticamente desconhecida até o meio do século XX, hoje famosa por suas obras teológicas, musicais e sobre a saúde, entre outras, que despertam uma atenção crescente entre os medievalistas. O livro de Azucena analisa, como ela diz, “al modo de una lectio medievalis”, os seis capítulos iniciais do “Scivias” (Conhece os caminhos do Senhor), a primeira obra da trilogia teológica da “Sibila do Reno”.

Azucena redigiu capítulos introdutórios, antes de partir para a análise propriamente dita do texto de Hildegarda. No primeiro, subtulado “Uma pequena pluma en las manos de dios”, expressão aplicada pela monja a si mesma, traz um relato sumário sobre a vida de Hildegarda e suas obras; no segundo, aborda em que consiste o “Scivias”, com o auxílio de autores que pesquisam Hildegarda (por exemplo, Barbara Newman e Victoria Cirlot). A seguir, Azucena explica a estrutura do “Scivias”, que se divide em três partes: O Criador e a Criação (as seis primeiras visões da monja); O Redentor e a Redenção (sete visões); A História da Salvação (treze visões). Após uma rápida explicação sobre as edições com iluminuras do “Scivias”, a historiadora aborda, em novo capítulo, a “Lectio Medievalis” (Leitura Monástica), leitura em voz alta, pausada, meditada, verdadeira forma de oração (mui diversa da leitura rápida, ora predominante, em que o leitor mal passa os olhos pelas palavras, sem deter-se no seu conteúdo e significado), que aplicará aos textos das visões de Hildegarda: uma análise pormenorizada, com base em autores de várias épocas (antigos, medievais – inclusive a própria Hildegarda – e atuais, que estudam exaustivamente a vida da monja beneditina). Após avisar que o “Scivias” não é de leitura fácil, Azucena apresenta as iluminuras visualmente ricas da edição “Riesenkodex”, cujo original foi destruído durante a Segunda Guerra Mundial, no bombardeio de Dresden (felizmente, restou uma versão fidedigna, preparada na Abadia de Eibingen, entre 1927 e 1933): a primeira mostra línguas de fogo que afluíam do céu para Hildegarda durante as visões e as outras se referem a cada visão da primeira parte do “Scivias” (Deus, o Senhor, Criação e Queda

do Homem, O universo e seu simbolismo, O homem e seu Tabernáculo, A sinagoga, Os coros Angélicos).

O texto propriamente dito do “Scivias” começa com uma declaração de Hildegarda sobre as visões que sofreu a partir de seu quadragésimo terceiro ano de vida, que Deus ordenou que fossem anotadas, transcritas em textos e divulgadas. A partir da descrição inicial em cada capítulo de uma visão, Azucena cita glosas preparadas pela própria Hildegarda e tece seus longos comentários: esclarece fatos da vida da Sibila do Reno (como a entrevista com Frederico Barba Ruiva), interpreta os textos das visões e, exaustivamente, seus possíveis significados; confronta suas opiniões com o entendimento de outros pesquisadores da vida e obra da monja, valendo-se do auxílio de outras obras de Hildegarda, dos pensamentos de autores atuais (como Romano Guardini), dos coetâneos a ela (como Hugo de São Vítor e São Bernardo de Claraval) e de antecessores (São Paulo e suas epístolas, São Bento e as regras de ordem beneditina, os autores dos capítulos do Velho Testamento, do Apocalipse). Azucena indica uma possível similaridade entre estes últimos e a maneira de redigir da monja beneditina, ao mesmo tempo que indica como esta sofreu forte influência platônica. Montanhas, demônios, anjos, profetas, Adão, figuras com muitos olhos e outras, presentes nas iluminuras, enriquecem o discurso em que Azucena discute o texto hildegardiano e procura determinar toda a sua possível simbologia.

No final do livro, a historiadora oferece um apêndice biográfico sobre os autores com quem dialoga ao longo de suas intervenções, além de um elenco de livros e textos, a título de “Bibliografia consultada”, utilizados por ela para preparar seus comentários (inclusive as obras da própria Hildegarda de Bingen).

Lamenta-se que a obra da monja beneditina, figura deveras importante na história do pensamento humano, pensadora sistêmica, prestes a ser canonizada pela Igreja Católica Romana, seja tão pouco apreciada no Brasil, ao ponto de raros autores se interessarem em escrever artigos sobre sua vida e seus livros, ou em traduzi-los ao português. Quem estiver curioso em saber por que um biólogo toma tal iniciativa, precisa conhecer a estreita e fecunda integração entre a Sibila e a natureza, através da leitura de obras de Hildegarda e de seus estudiosos.

---

\*Biólogo e Mestre em Educação